Dom Casmurro na TV: a adaptação literária através da minissérie "Capitu" [1]

Robson Gomes da SILVA [2]
Cristina Teixeira Vieira de MELO [3]
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

A adaptação de um texto literário para uma outra plataforma sempre trouxe desafios aos autores, tanto para quem trabalha em cinema, quanto para a televisão. A "obrigação" de se manter fiel à obra original é algo esperado pelos espectadores, mas nem sempre dos diretores, que às vezes, trazem uma perspectiva diferente do que já está escrito. Com foco na adaptação televisiva, este trabalho irá abordar o processo de adaptação do livro "Dom Casmurro", de Machado de Assis, para a minissérie "Capitu", dirigida por Luiz Fernando Carvalho.

PALAVRAS-CHAVE: adaptação literária; televisão; Dom Casmurro; Luiz Fernando Carvalho; Machado de Assis.

1. Introdução

Adaptar um livro para outra linguagem sempre foi motivo de polêmica no meio da comunicação. Seja para cinema ou para a televisão, muito se fala a respeito da fidelidade à obra original. Quando se fala de adaptação de grandes obras da literatura nacional e internacional, essa atenção se redobra. O senso comum exige que os autores, diretores e adaptadores não percam "a essência" da obra original, pedindo uma fidelidade quase que inalcançável. Muitos respeitam essa visão, outros fogem totalmente da base escrita para fazer uma "nova releitura" da obra em questão que, na maioria das vezes, não satisfaz a quem já lera o livro adaptado na íntegra. Tendo em vista esse processo de adaptação literária para a televisão, este artigo visa analisar como a obra clássica da literatura brasileira "*Dom Casmurro*", de Machado de Assis, foi adaptada para este meio através da minissérie "*Capitu*", exibida na Rede Globo em dezembro de 2008 pretendendo, como

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática de Cinema e Audiovisual, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

[2] Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, Licenciado em Letras (Português-Inglês) na Universidade de Pernambuco, *campus* Nazaré da Mata e Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE), email: robinhogomes@gmail.com

[3] Orientadora do trabalho. Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social e da Pós-graduação em Comunicação da UFPE, email: cristinateixeiravm@gmail.com

objetivo geral, investigar quais os fatores necessários para determinar uma adaptação televisiva como fiel a um texto escrito em outra linguagem. Em outras palavras, este artigo irá encontrar na obra "*Dom Casmurro*" elementos que já sugerem uma adaptação para uma outra linguagem, além de analisar toda a minissérie "*Capitu*" no sentido de encontrar elementos em comum e convergente à obra literária inspiradora.

Para esta pesquisa será feita uma abordagem teórica proveniente de leituras da obra original - "*Dom Casmurro*" -, da obra audiovisual "*Capitu*" e as publicações que foram lançadas em complemento à minissérie (livro oficial da série e depoimentos da equipe dispostos na edição em DVD), além de livros, textos e artigos de Jorge Furtado, Adalgisa Nunes, Paula Puhl, Robert Stam e Ana Maria Camargo Figueiredo que abordam o aspecto da transposição de uma linguagem para outra (nesse caso, da literária para a televisiva). E através de uma análise fílmica, descrever algumas cenas e seu processo de adaptação livro-minissérie.

2. Fundamentação Teórica

2.1 O início: o livro "Dom Casmurro"

Comecemos do marco zero: a obra original que inspirou a minissérie da TV Globo. De acordo com as páginas adicionais do livro editado pela Editora Avenida[4], "*Dom Casmurro*" é um romance escrito por Machado de Assis que fora lançado no ano de 1899. A história gira em torno de um episódio aparentemente banal – a suspeita de Bentinho (apelido de Bento Santiago) de que sua esposa Capitu (apelido de Capitolina) tenha cometido adultério com Escobar, seu melhor amigo. O diferencial desta obra é o modo como Machado de Assis conduz o livro. É Bentinho, o marido que acredita na traição da mulher e que se auto-intitula Dom Casmurro – apelido dado, segundo o livro, na sua velhice – e ocupa a posição de narrador. Ele reporta os acontecimentos de acordo com suas lembranças e – por que não dizer – de acordo com o que ele quer contar. Assim, o leitor acompanha o desenrolar do enredo do ponto de vista do marido supostamente traído. Em outras palavras, nós conhecemos apenas um lado da história – no caso, a versão apresentada por Bentinho.

Possuindo característica não-linear, Machado de Assis constrói sua história fazendo uso de ações alternadas com digressões, quando rememora ou traz à tona informações para

[4] A referência deste livro será dada nas Referências Bibliográficas no fim do artigo.

melhor explicar determinadas situações, fazendo da simplicidade a marca de "Dom Casmurro". Bentinho escreve este livro na sua casa, no Engenho Novo, subúrbio do Rio de Janeiro, onde decide resgatar a sua vida reconstituindo sua antiga casa, na antiga Rua de Matacavalos, e relatando suas memórias. Nas palavras do próprio Dom Casmurro, ele queria com esta narrativa "unir as duas pontas da vida e restaurar na velhice a adolescência" (ASSIS, 2005, p. 10).

Uma das características deste livro é a intertextualidade, onde Machado se utiliza de várias obras e referências históricas e literárias para escrever as suas memórias. As citações vão desde a mitologia grega, a bíblia, até a ligação de Bento Santiago com Otelo, personagem criado por William Shakespeare. O personagem Dom Casmurro definiu a sua história escrita como uma grande ópera, um concerto musical de contexto dramático:

> ...tudo o que sucedera antes [de escrever o livro] foi como o pintar e vestir das pessoas que tinham de entrar em cena, o acender das luzes, o preparo das rabecas, a sinfonia... Agora é que eu ia começar a minha ópera." (ASSIS, 2005, p. 19).

Essa intertextualidade que marcou o texto escrito também foi utilizada, de certa forma, na versão televisiva, algo que será abordado mais adiante.

2.2 O meio: a adaptação literária para a televisão

Antes de falarmos do produto final originado do livro de Machado de Assis, precisamos registrar o processo de elaboração do mesmo, já que a minissérie "Capitu" é uma **adaptação** do livro "Dom Casmurro".

Primeiramente, é preciso definir o que é adaptação no contexto de comunicação.

> "Uma adaptação de um texto literário para um programa televisivo é, em primeira instância, um processo de mudança de suporte físico. Trata-se de uma passagem de sinais e símbolos gráficos assentados em papel para um conglomerado de imagens e sons, captados e transmitidos eletronicamente." (REIMÃO in NUNES: 2006, p. 02)

Jorge Furtado (2003) num pequeno texto sobre adaptações para cinema e televisão consegue citar três grandes diferenças entre a linguagem literária e a audiovisual no

processo de adaptação. A primeira é que na linguagem audiovisual, o texto tem que ser visível e audível. Embora a definição seja óbvia, o que Furtado quer dizer é que, ao levar um livreto para a tele-dramaturgia devemos estar atento ao fluxo de consciência dos personagens, procurando materializá-los em todas as instâncias, visto que ações como pensar, lembrar, esquecer, sentir, querer ou perceber, bem presentes nos textos literários, tem que ganhar uma concretude visível e audível na tela, ou esquecer que esses momentos existem. A frequência da presença dessas palavras no livro pode determinar se esse texto é fácil ou de difícil adaptação.

A segunda diferença notada por Furtado é que, enquanto no processo de leitura de um livro os leitores imaginam seus cenários e demais detalhes a partir de sua leitura, o cineasta/o autor de TV tem que se antecipar ao definir essas nuances. E embora o autor as esclareça ao longo da obra, ao ler uma frase do livro, o adaptador já tem que pensar nesses detalhes de cenário, cor, som, figurino, etc. para aquela cena. Por isso que, às vezes, os espectadores se frustram com essas adaptações por criar suas próprias imagens ao ler o livro e não vê a sua idealização representada no texto audiovisual.

O terceiro aspecto levantado por Furtado diz respeito ao ritmo da trama, mas que isso só pode ser definido pelo autor da adaptação:

> "Cada um de nós estabelece o próprio ritmo de leitura. Cada um de nós passa o tempo que quiser observando um quadro. Mesmo no teatro, o ator pode esperar que o público pare de rir de uma piada para dar sequência ao texto. Mas um filme de 1 hora e 32 minutos é visto por qualquer espectador em 1 hora e 32 minutos." (FURTADO, 2003, p. 01)

Sobre os diversos tipos de adaptações televisivas, o roteirista Doc Comparato estabeleceu algumas divisões, que foram sintetizados pela Adalgisa Nunes:

> "Segundo o roteirista, existe **a adaptação propriamente dita**[5], quando o adaptador segue à risca a história original. Há também os **trabalhos baseados em**, quando, embora a história permaneça a mesma, há modificações em alguns personagens ou situações. Há, segundo o autor, ainda três tipos de adaptações: o tipo **inspirado**

[5] Grifos feitos pelo autor do artigo.

> **em**, quando o roteirista aproveita um personagem, ou situação para desenvolver uma nova obra; **recriação**, quando o encarregado de fazer a adaptação utiliza o argumento principal e de maneira livre, trabalha o tema com fidelidade mínima ao texto original **e finalmente, a adaptação livre** quando a história não é mudada mas apenas um dos aspectos da obra é focado, mudando toda sua estrutura." (NUNES, 2006, p. 02-03)

Paula Puhl (2007) no seu texto "Ficção e história: o leitor no limiar da compreensão" define que analisar adaptações literárias é algo complexo devido a presença de textos tanto verbais como não-verbais que formam uma mensagem para ser repassada ao telespectador, aos quais ela chama de leitores. Ela coloca que essas adaptações são montadas no seguinte esquema:

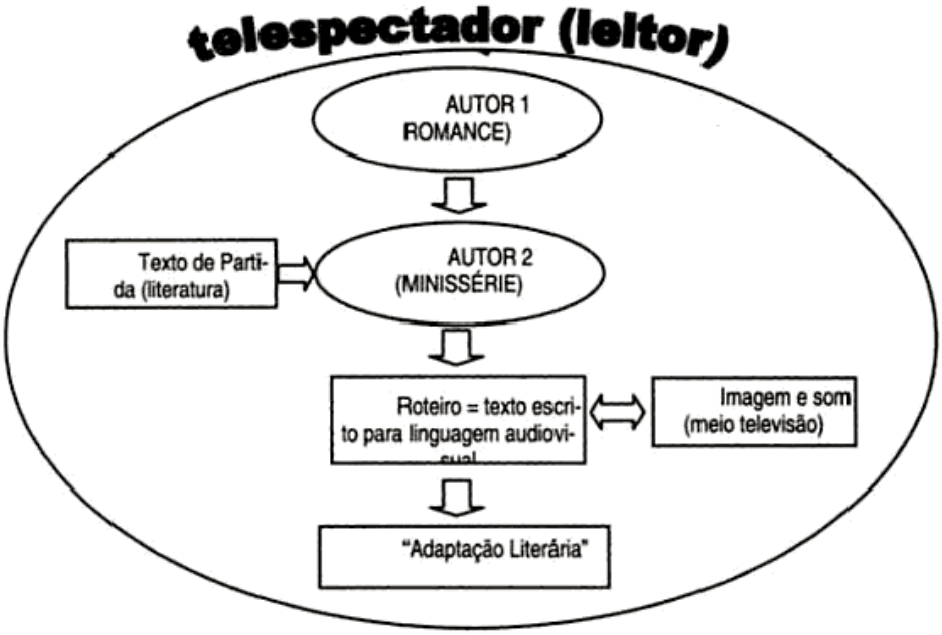

Figura : Esquema de adaptação literária sugerido por Paula Puhl
Fonte: PUHL, 2007, p. 152

Segundo Puhl, a ênfase nesse esquema se dá na mensagem produzida pelo autor da obra literária (neste caso, Machado de Assis), da adaptação literária (Luiz Fernando Carvalho) e na função designada ao telespectador (o leitor final), pois é este leitor será determinante tanto na redação final da obra televisiva quanto no entendimento dela, considerando os aspectos próprios de uma obra audiovisual (som e imagem).

Esta mesma autora sugere que o termo "adaptação" acaba sendo inadequado para definir esta mudança de códigos, ou seja, do literal para o audiovisual. Determinando assim que "transcodificação" seria mais conveniente para definir o ato de "um romance ou qualquer texto literário e/ou fatos históricos possam servir como ponto de partida para um texto televisivo." (PUHL, 2007, p. 155)

2.3 O fim (ou, por fim): A minissérie "Capitu"

"Capitu" foi uma minissérie de cinco capítulos exibida entre os dias 09 e 23 de dezembro de 2008 na Rede Globo de Televisão no horário das 23 horas. Como a própria ficha técnica diz, a obra é **baseada** no romance "Dom Casmurro" e foi escrita por Euclydes Marinho, tendo como colaboradores Daniel Piza, Luis Alberto de Abreu e Edna Palatnik. O texto final e a direção geral é de Luiz Fernando Carvalho, sendo então o criador de toda a minissérie.

Segundo o site "Teledramaturgia", utilizando uma linguagem moderna e atemporal, a minissérie contou a história do amor intenso entre Bentinho e Capitu, da dúvida de Bento Santiago ser traído ou não e o que isso acarretou nele em termos de imaginação. A genialidade de Machado de Assis em não revelar se Capitu traíra ou não Bentinho em "Dom Casmurro" transpassou gerações, chegando aos tempos modernos. E para celebrar essa modernidade, esse mistério também foi explorado, mas também não foi resolvido nesta minissérie.

"Capitu" foi fruto de um projeto desenvolvido pelo Luiz Fernando Carvalho intitulado "Projeto Quadrante", que consistia em levar para a televisão quatro adaptações da literatura brasileira. Esta minissérie foi a segunda e última produzida – a primeira foi "A Pedra do Reino", baseado na obra homônima de Ariano Suassuna, exibida em 2007 – visto que os índices de audiência não corresponderam à alta qualidade dos produtos apresentados, provocando o engavetamento deste projeto.

Sobre a adaptação de "Dom Casmurro" para "Capitu", Luiz Fernando Carvalho explicou em um texto que o título foi diferente pois queria dar a real dimensão do que "Capitu" representava em termos de adaptação. O diretor resolveu nomear a sua obra de "aproximação" ao texto machadiano:

> "Costumo dizer que não acredito em adaptações, acho que as adaptações sempre são, de certa forma, um achatamento da obra,

> um assassinato do texto original. Por conta disso, defino o trabalho feito na minissérie como uma **aproximação**[6]. Por isso também optei por um outro título 'Capitu', diferente de *Dom Casmurro*, portanto. Assim a ideia de aproximação ficaria ainda mais clara, revelando não se tratar apenas de uma tentativa de transposição de um suporte para outro, e sim de um diálogo com a obra original." (CARVALHO, 2008, p. 75)

Apesar de Luiz Fernando Carvalho definir "Capitu" como uma aproximação de "Dom Casmurro", alguns dos elementos do livro foram nitidamente mantidos na minissérie, o que caracteriza uma primeira fidedignidade à obra original. As falas dos personagens são totalmente fieis as do livro:

> "...o texto usado pelo elenco é absolutamente fiel ao que foi produzido por Machado. Fiz questão de ser rigoroso nesse ponto. O texto é Machado puro. Sem nenhum artigo meu, sem nenhuma vírgula minha. Tenho certeza que não traí Machado nesse sentido[...]. Muitas vezes fiquei pensando no prazer que ele estaria sentindo em ver seu texto renascendo lá na frente, com outras coordenadas estéticas mas com a mesma síntese." (CARVALHO, 2008, p. 77).

Uma outra característica que beira a fidelidade à obra machadiana foi o uso de alguns títulos dos capítulos de "Dom Casmurro" dentro de "Capitu":

> "...o tempo todo, fui muito fiel às divisões dos pequenos capítulos: 'O penteado', 'O agregado'. Tudo isso me interessou muito. Aquela ideia de camadas que o texto traz e nos dá a sensação de que não está acontecendo nada e quando nos damos conta, do meio para o final, principalmente no último terço do livro, somos tomados por uma emoção devastadora." (CARVALHO, 2008, p. 78)

Apesar desses elementos mantidos da obra original há muita coisa diferente em "Capitu". A começar pela trilha sonora, que mistura *rock* e música clássica, *underground* e

[6] Destaque feito pelo autor do pré-projeto.

ópera bufa. Foram introduzidas cenas, por exemplo, em que os personagens usam *iPods* para dançar uma valsa. A estética de cenários também foi diferente, já que tudo foi gravado dentro de um galpão abandonado no Rio de Janeiro – em virtude do baixo orçamento da minissérie, segundo o diretor – e a mistura de linguagens da tele-dramaturgia com elementos teatrais. Essas atmosferas não são mostradas diretamente por Machado de Assis no romance, mas todas essas vertentes terão que ser investigadas por esta pesquisa, através de uma análise fílmica, para definirmos – realmente – até que ponto "Capitu" é fiel (ou próximo) a "Dom Casmurro".

3. Dom Casmurro X Capitu: Análise da adaptação literária

Para construir algo "palpável" sobre essa transcodificação, a forma mais adequada de assistir à série foi acompanhando o livro de Machado em simultâneo, para obter assim o que foi usado pela série e o que foi descartado. Podemos definir que esta análise será de ordem quantitativa. A série "Capitu" foi dividida em cinco capítulos. No primeiro episódio, percebi que foi explorado 23 capítulos do livro "Dom Casmurro", que na sequência do livro, abrangeu dos capítulos 01 ("Do Título") à 23 ("Prazo Dado"), sendo que o capítulo 10 ("Aceito a Teoria") foi o único excluído até então. É importante ressaltar que o fato de ter explorado os vinte e três primeiros capítulos do livro "Capitu" não significa que todos eles tiveram seus títulos divulgados no episódio, método que Luiz Fernando usou para dar sequência na história, já que tiveram capítulos que foram apenas dramatizados sem nenhuma menção, a exemplo do capítulo 11 ("A Promessa"). Outro ponto a ser colocado é que nem todos os capítulos foram aproveitados na íntegra. Talvez isso tenha sido um ponto positivo para a agilidade da trama. Para se ter uma ideia, dos 22 capítulos do livro usados nesse episódio, apenas cinco foram reproduzidos em sua totalidade. São eles: 01- "Do Título", 02- "Do Livro", 04- "Um Dever Amaríssimo", 08- "É Tempo" e 22- "Sensações Alheias". Outro detalhe a ser colocado é que Luiz Fernando conduziu a série "Capitu" de forma não-linear em relação à obra Machadiana, já que a obra televisiva não seguia a ordem do livro. No primeiro capítulo, por exemplo, o episódio de acordo com o romance escrito seguiu na seguinte sequência: 01, 09, 01, 02, 03, 05, 03, 06, 03, 04, 08, 12, 11, 14, 13, 15, 16, 18, 11, 07, 18, 20, 21, 22 e 23.

No segundo capítulo de "Capitu", Luiz Fernando explorou dos capítulos 25 à 53 do livro "Dom Casmurro". Dentro desses 29 capítulos, sete foram descartados do roteiro da série. Foram eles: 24- "De Mãe e De Servo", 27- "Ao Portão", 28- "Na Rua", 30- "O

Santíssimo", 36- "Ideia Sem Pernas e Ideia Sem Braços", 40- "Uma Égua" e 49- "Uma Vela aos Sábados". A estética de sequência não-linear em relação ao livro tão presente no primeiro capítulo se fez no segundo capítulo de maneira mais sutil. Já que, com exceção dos capítulos que foram excluídos desse episódio, houve apenas duas quebras pequenas de sequência. Sendo assim, a ordem do capítulo a partir da obra ficou da seguinte forma: 25, 26, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, **41, 43, 42**, 44, 45, 46, 47, 48, **51, 50, 52, 53 e 51**.

O terceiro dia da série "Capitu" trouxe apenas 20 capítulos do livro e cinco capítulos descartados. Os vinte e um capítulos adaptados correspondem do 55 à 75, sendo excluídos os capítulos 54- "Panegírico de Santa Mônica", 57- "De Preparação", 59- "Convivas de Boa Memória", 60- "Querido Opúsculo" e 72- "Uma Reforma Dramática". A sequência não-linear esteve mais presente neste episódio, já que Luiz Fernando usou a seguinte sequência do livro para este capítulo: 56, 55, 61, 62, 65, 58, 63, 64, 58, 66, 67, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74 e 75.

No penúltimo capítulo da série, "Capitu" trouxe o universo dos capítulos 76 até o 103. Nesses 28 capítulos explorados, houve o maior desfalque do livro, com a exclusão de nove capítulos: 77- "Prazer das Dores Velhas", e a sequência dos capítulos 85 até 92. Um detalhe importante é que a partir do capítulo 99- "O Filho é a Cara do Pai", os personagens de Capitu e Bentinho se tornam adultos, mudando seus atores. Para Bentinho, sai César Cardadeiro e entra Michel Melamed (que já estava antes contando toda a história desde o primeiro capítulo) e para Capitu, Letícia Persilles é substituída por Maria Fernanda Cândido. A sequência não-linear, presente nos três primeiros episódios, começa a sumir neste capítulo, pois mesmo com a exclusão de nove capítulos de "Dom Casmurro" a sequência crescente se manteve. A organização do episódio em relação ao livro, então, se deu da seguinte forma: 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102 e 103.

No último capítulo de "Capitu", Luiz Fernando Carvalho reproduz dos capítulos 104 até o 148 (o último capítulo de "Dom Casmurro"). É o episódio que possui mais capítulos do livro, pois dentro desses 45 capítulos explorados, apenas seis foram descartados. São eles: 111- "Contado Depressa", 114- "Em Que Se Explica o Explicado", 119- "Não Faça Isso, Querida!", 120- "Os Autos", 127- "O Barbeiro" e 144- "Uma Pergunta Tardia". A sequência adotada no penúltimo capítulo, de ser algo mais crescente mesmo com a exclusão dos capítulos, se manteve neste último, com exceção de uma pequena quebra de sequência no começo do episódio. O esqueleto desse quinto capítulo ficou assim em relação ao livro: **105, 104**, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 124, 125,

126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 147 e 148.

Para efeitos de resumo e contagem final, a série "Capitu" explorou 120 capítulos dos 148 escritos na obra "Dom Casmurro". A exclusão de 28 capítulos do livro não prejudicou a compreensão da obra de Machado de Assis. O que reforça a tese de que há, de fato, uma grande fidedignidade do diretor Luiz Fernando Carvalho a esta obra da literatura brasileira em sua adaptação televisiva.

4. Considerações Finais

O artigo teve como proposta analisar a minissérie *Capitu*, transmitida no ano 2008, pela Rede Globo de Televisão, em comparação à obra que serviu de inspiração à produção audiovisual: *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Para fundamentar a análise foi preciso explanar o que era, de fato, uma adaptação literária com textos de Jorge Furtado e Doc Comparato, além de uma definição bastante pertinente de Paula Puhl, que além de trazer um esquema de funcionamento de uma adaptação literária, trouxe o conceito de transcodificação. Uma informação que trouxe uma nova perspectiva para este artigo.

Na análise, as observações se concentraram em torno do que foi colocado e o que foi excluído da obra machadiana no produto televisivo num viés quantitativo. Com intuito de não somente identificar diferenças entre um objeto e outro, a comparação entre a obra literária e a minissérie observou quais foram os resultados das mudanças impostas pelo novo meio em que a história foi inserida. Percebemos, por exemplo, a liberdade de Luiz Fernando Carvalho em não obedecer à risca a ordem do livro, mas os seus "pulos" e "regressos" foram necessários para dar melhor entendimento e ritmo à minissérie. Os sentimentos de inocência, amor, dúvida e amargura expostos por Machado em seu livro foram bem explorados na versão para televisão de Luiz Fernando.

A partir dessas observações conclui-se que, ao ser adaptada, é normal e aceitável a obra literária passar por um método de adequação ao novo suporte. Pode-se ampliar, destacar, reconstruir e até mesmo excluir elementos do texto original, desde que a chamada "essência" da obra adaptada esteja intrínseca no contexto. Tudo isso se torna válido para enriquecer a possibilidade de leituras e releituras dos objetos trabalhados.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. **Dom Casmurro**. Santa Catarina: Avenida, 2005.

CAPITU. Minissérie de Luiz Fernando Carvalho. Rio de Janeiro: Globo Marcas, 2009. Box com dois discos (4h30min): DVD, NTSC, colorido. Áudio: Português. Legendas: Inglês, Francês e Espanhol.

CARVALHO, L. F. **Capitu**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

FURTADO, J. **A Adaptação Literária para Cinema e Televisão**. Passo Fundo: Palestra na 10ª Jornada Nacional de Literatura, 29 de Agosto de 2003. Disponível em: <http://www.casacinepoa.com.br/as-conex%C3%B5es/textos-sobre-cinema/adapta %C3%A7%C3%A3o-liter%C3%A1ria-para-cinema-e-televis%C3%A3o>. Acesso em set. 2012.

NUNES, A. M. O. **A Literatura na TV**. São Paulo: UNESCOM, 2006. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/9/97/GT2-_CELACOM-_04_-_A_literatura_na_TV-_Adalgisa.pdf>. Acesso em out. 2012.

PUHL, P. Ficção e história: o leitor no limiar da compreensão In: **Estudos contemporâneos de comunicação.** Doris Fagundes Haussen, Beatriz Dornelles (Orgs.) - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=CY3t45BBcmwC&pg=PA139&lpg=PA139&dq=Fic%C3%A7%C3%A3o+e+hist %C3%B3ria:+o+leitor+no+limiar+da+compreens %C3%A3o+paula+puhl&source=bl&ots=xM9NwUN641&sig=LqtYFGS1ir-NMc8TxmXfrEgcP3E&hl=en&sa=X&ei=D9PUUef_BOHs0QGTqYCwBw&ved=0CEMQ6AEwAg#v=onepage&q=Fic%C3%A7%C3%A3o%20e%20hist%C3%B3ria%3A%20o %20leitor%20no%20limiar%20da%20compreens%C3%A3o%20paula%20puhl&f=false>. Acesso em jan. 2013.

TELEDRAMATURGIA. Página eletrônica com dados de todas as obras da teledramaturgia brasileira. Disponível em: <http://www.teledramaturgia.com.br/tele/capitu.asp>. Acesso em: jun. 2012.